

O MILHAFRE

Prosas Bárbaras (1903)

Um dia um homem entrou numa casa arruinada. No portal havia um nicho com um santo de pedra, que lia uma Bíblia, também de pedra. Em redor, na beira dos telhados, nas fendas das pedras, no canto do nicho, havia ervas molhadas e verdes, e ninhos de andorinhas. O santo tinha sempre as suas pálpebras de pedra descidas sobre o livro sagrado. Passavam as cavalgadas, os enterros silenciosos, os noivados, os cortejos, a pompa dos regimentos, e o santo lia atentamente o seu livro de pedra.

Vinham defronte dançar saltimbancos, passavam as frescas serenatas, vinham dos montes rebanhos e ceifeiras; o santo tinha os seus olhos de pedra sobre as páginas inertes. As devotas, lentas e desfalecidas, beijavam-lhe os pés nus, os homens severos saudavam-no, as crianças olhavam-no com os seus grandes olhos inanimados, os cães ladravam-lhe à calva: o santo, curvado, seguia o espírito de Deus por entre as letras do livro.

Passavam os fardos, os mercadores crestados pela indústria, os poetas lânguidos que desfalecem nas cançonetas, os histriões que cantam nos tablados, mulheres mais preciosas que o âmbar, os sábios, os mendigos, as virtuosas e as melodramáticas: — e o santo lia o seu livro profético.

Ora as torres gloriosas, as bandeiras, os ciprestes — ais de folhagem — os homens, perguntavam entre si: — "Que lê tão atentamente aquele santo, que nem sequer nos olha?" E os enxurros, que passam rosnando, diziam: — "Que lê tão devotamente aquele santo, que nem sequer nos escuta?"

Ora o santo lia assim. De noite, quando as bandeiras caem de sono, quando os homens estão cheios de comida e de inércia — a Lua, que ao nascer é material e metálica como uma moeda de ouro nova, depois, na suavidade do azul, é tão pura, tão imaculada, tão consoladora, como uma chaga de Cristo por onde se lhe visse a alma. A essas horas, uma criança, tão pobre e tão esfarrapada

como o antigo pastor S. João, vinha deitar-se junto do nicho do santo. E então, o santo afastava um pouco o livro, e toda a noite ficava cobrindo, com a grande luz dos seus olhos, aquela criança miserável, adormecida sobre as lajes.

Depois os planetas, a Lua, a noite seguiam a sua viagem imensa para o oeste, e a leste começava uma claridade: eram as hesitações da luz do dia, medrosa por ter de descer às misérias dos homens.

As bandeiras ainda estavam desfalecidas, sonhavam as árvores, a cidade dormia como outrora Sodoma. Acordavam então as andorinhas. Esvoaçavam gloriosas, gritando, e vinham sofregamente, em tumulto, pousar no nicho.

As andorinhas estavam nas intimidades e nas confidências do santo.

Ora o vento, que passava pelos campos e pelas eiras, vem cheio de grãos e de sementes: a chuva cai lúcida e fresca. O santo aparava a chuva nas pregas da capa, e os grãos nas páginas do livro. E as andorinhas, quando vinham para o nicho, bebiam na capa do santo e comiam sobre a Bíblia de Deus. E, enquanto comiam e bebiam, gritavam, batiam com as asas nas barbas do santo, beijavam-se na sua boca, aninhavam-lhe entre os braços, cobriam-no todo; e o sol, quando chegava, ficava maravilhado de ver aquele pobre santo de pedra, que ele não conhecia do Paraíso, com os pés entre as ervas verdes, rindo, sereno, sob a luz imensa, e todo vestido de asas!

O homem entrou na casa arruinada e foi, através de pedras esverdeadas, de grandes umidades que escorriam, de madeiros apodrecidos, de muralhas leprosas de musgo, de escadarias miseráveis, até uma sala enorme, escura e trágica, e tão alta, que involuntariamente o olhar procurava as constelações naquela sombra.

No fundo da sala havia um grande crucifixo de madeira. Sobre a cabeça macerada do Cristo, as traves podres do teto abriam uma larga fenda. Por ali vinha a chuva escorrer-lhe nos cabelos como o antigo suor do Jardim das Oliveiras, vinham os granizos magoá-lo como as pedras da paixão, vinha o Sol alumia-lo como a tocha de Judas, e a Lua vinha, também, torná-lo mais lívido, como naquela noite em que ele, depois de ter visto a gente soluçante descer para Jerusalém, sentiu pousar na sua cruz um rouxinol, que toda a noite cantou.

Sobre a cabeça e sobre os braços do Cristo, havia teias de aranha; em baixo os ratos roíam-lhe a cruz.

Então o homem sentiu que aquele seio constelado, e aquela boca donde saiu a revelação do amor, do perdão, e da alma, tinham o pó, a podridão, a calíça e os bichos; e que, se um dia Cristo, vendo o homem aflito e miserável, lhe tinha arrancado da alma o mal, não era muito que o homem, encontrando Cristo abandonado, profanado e roído, lhe limpasse da cabeça as aranhas. Mas, quando ia a limpar a imagem, viu, sobre a cruz, junto da mão pregada, um milhafre enorme. O homem, com as mãos, quis arredar o milhafre.

E a ave, então, com a antiga voz dos animais da Bíblia, do Apocalipse e dos livros dos profetas, disse surdamente: "Homem, deixa a cruz sossegada!"

Através das fendas viam-se os astros sagrados. E o milhafre, batendo as asas, dizia:

"Deixa a cruz, deixa! Não tenhas medo que apodreça. Lá em cima luzem agora estrelas, sóis, planetas, cintilações, carbúnculos. É o pó dos Deuses mortos. Todos se finaram, histriões ensanguentados, e a sua farsa acabou em desterros.

"Morreram velhos, expulsos, esfomeados e nus.

"Este ficou, solitário, alumiando. Ele perdoou enquanto os outros lutaram, ele amou enquanto os outros choraram: por isso fica enquanto os outros passam. Deixa. Esta cruz, que é de madeira, vale tanto como as que lá em cima fazem os raios dos astros, ou no silêncio dos mirtos dois olhares bem-amados.

"Deixa as aranhas, o pó, a calíça, os bichos, a neve, a geada, o apodrecimento. Ele pode bem dar às aranhas o seu corpo de madeira, pois que vos deu a vós o seu corpo de carne — a vós, que pregais com o mesmo riso e o mesmo esquecimento os morcegos no alto das janelas e o Cristo no alto dos montes; a vós, que lhe vindes limpar os cabelos de madeira, depois de lhe ter arrancado os cabelos vivos; a vós, que quereis lavar as nódoas que ele tem no peito, e não vedes as imundícies que tendes na alma. Tudo o que ele criou, o amor, o ideal, o perdão, a fé, o pudor, a religião, Deus, todo aquele evangelho da vida nova anda pelo mundo, tão degradado, tão coberto de bichos, tão imundo como o seio desta

imagem antiga. A matéria, o impudor, o apetite rude, o ódio, o aviltamento, o tráfico, a miséria e a penalidade, andam sujando a tua alma, ó homem! como as aranhas andam sujando a cabeça deste Cristo! E não reparais, e não vedes, sobre os espíritos, sobre os corações, sobre as consciências, o pó, a calça, o caruncho, os ratos e os vermes!

"Sim, é verdade: tudo é magnífico e são, e banhado de sol. As cidades são cheias e caiadas, só as consciências é que têm nódoas; as praças estão limpas de iluminações, só os corações é que estão escuros; os cais estão arejados, só os espíritos é que sufocam; os corpos estão são, cobertos de estofos, frescos e resplandecentes, só as almas é que andam nuas, miseráveis e leprosas. De resto, tendes o riso, a farsa, os paraísos artificiais, as arcas venais, e também o esfriamento do túmulo! Oh! amigos íntimos dos vermes, como vós cuidais do corpo, e o lavais, e o amaciais, e o engordais — para a pastagem escura das covas!

"Homem, que fizeste tu da alma? Ao princípio não era conhecida, depois foi vendida, depois foi apupada; tu, modernamente, julgaste melhor matá-la — mas não certamente de cansaço com viagens a Deus! Deste-la a despedaçar à negra matilha do mal. Em compensação, guardaste o corpo: para esse uma religião, um asilo forte como o Sol, os sete selos da lei e a escolta dos regimentos. Esse é o sagrado, o imaculado, o pontifical, o vitorioso. Proibição a Deus de lhe tocar. Para ele palácios, cortejos, serralhos, estofos, pedrarias, o sol e a iluminação dos astros. Para ele a inviolabilidade: Não matarás!

"Começaram então as cruces a ficar desertas, os cepos a encher-se de musgo, as forcas a apodrecer nos caminhos. Nós, os milhafres, e os nossos camaradas, os abutres, para quem já não havia corpos nos despenhadeiros, ladrões arroxeados pela corda, afogados disformes, deixamos os grandes montes e os rios, as vastas tradições do sangue, e viemos, para viver, aceitar, com os capões, a domesticidade nos parques resplandecentes, ou andamo-nos mostrando aos imbecis, pelas feiras, numa gaiola! E as aves da noite, depois de terem visto a natureza imensa, as aflições do vento, as núpcias do mar, de terem lutado nas tempestades e insultado as estrelas, vêm, modestamente, comer bichinhos no saguão dos burgueses! Eu, que tinha estado entre a força, quis, ao menos, ficar entre a graça; e, depois de ter vivido na noite de Deus, quis, ao menos, morrer na madrugada de Jesus! E, entretanto, a alma morre esmagada e solitária, e a grande vida moderna, a vida

do sol, da música, dos metais, vai, entre fulgurações, pisando e cuspidando naquela coisa miserável. E ainda está quente o sangue de Jesus!

"Homem, que fizeste tu do pensamento?"

"Anda expulso, perseguido e sublime, como um Deus antigo. Cravaste-lhe no seio as sete dores. Coube-lhe a dor e o escárnio. É necessário que, nas cidades, os pensadores e os artistas extáticos sofram e sangrem: os triunfos dos homens da matéria são como os dos antigos imperadores — só são completos, quando passam entre torturas. E quem havia de soluçar sobre a cena moderna da paixão, senão os que têm alma?"

"Amam, sufocam, caem, agonizam, e, entretanto, vai passando a coorte dos vitoriosos e dos reluzentes, e as suas bolsas riem-se daqueles corações, como os botões de ouro das suas camisas apupam a luz dos astros.

"E os que quiserem viver e tiverem a alma grande, bela e heróica, têm de se baixar à estatura burguesa e mercantil dos cérebros modernos. Os deuses olímpicos, se não se deixassem ajuizadamente finar nas florestas antigas, teriam de se empregar nas secretarias. O soberbo pavão de Juno viveria num pomar dos arrabaldes. Homero seria localista. Os cavaleiros andantes roubariam lenços nos ajuntamentos, e o trágico São Jerónimo seria presidente duma junta de paróquia. Deste modo tu aceitas a arte, o pensamento, a alma. Não, arte, não te vás; a vida moderna dar-te-á uma libré resplandecente; vem, música, tu que criaste a Alemanha, far-me-ás uma contradança; vem, arquitectura, tu que deste hospitalidade a Deus, far-me-ás uma estufa; vem, escultura, tu que fizeste o povo dos deuses, o bela escultura! vem fazer-me um gavetão. Oh! tristes domesticidades do ideal!"

Houve um silêncio. Havia na sala um ar místico, como para concepção dum deus.

O milhafre esvoaçava. Ouvia-se o chorar duma flauta. E o olhar do Cristo errava, contemplativo e atento, entre as estrelas inumeráveis, enquanto na escuridão, aos seus pés, os ratos lhe roíam a cruz.

"Vai-te, disse o milhafre. Os ratos roem a cruz, eu estou velho: a antiga geração das aves da noite vai-se. Os pregos já se

despregam, a cruz apodrece. E quando ela se desfizer, atirarei o seu pó à grande natureza, ao elevar da Lua, que vale o elevar da hóstia. Irei, oh meu Deus! para além dos sóis e dos caminhos lácteos, onde as constelações são gotas de sombra, certo — eu que sou da vasta terra, o selvagem dos prados, a respiração dos antros, eu que sou a palpitação dos montes — certo de que, se os homens não deram a cruz aos Cristos, não lha dará também a natureza. E eu, que roí as ossadas verdes, tendo visto sempre Este que fez o bem, que amou, que perdoou, pregado numa cruz, irei também, entre os sóis meio doidos, eu, que devastei, e matei, e escorri de sangue, crucificar-me num astro!"

Assim falou, lentamente, aquele milhafre filosófico e letrado, enquanto as violas gemiam, e os pobres tremiam de frio; assim falava, de cima dum cruz, numa sala legendária, longe das maravilhas dos Cains burgueses, nestes tempos livres, sensatos, verdadeiros, magníficos, em que, como se não podem pôr certas verdades na boca dos homens, têm de se dependurar do bico dos milhafres.

Gazeta de Portugal, 6 de Outubro de 1867



Sobre o autor e sua obra



José Maria Eça de Queirós nasceu na Póvoa de Varzim, a 25 de Novembro de 1845, filho de José Maria Teixeira de Queirós, magistrado judicial, e Carolina Augusta Pereira d'Eça, natural de Viana do Castelo.

Passou a infância longe dos pais, que só viriam a casar quando ele já tinha quatro anos. Na verdade passou a maior parte da sua vida como filho ilegítimo, pois só foi reconhecido aos quarenta anos de idade, na ocasião em que casou. Até 1851 foi criado por uma ama em Vila do Conde; depois foi entregue aos cuidados dos avós paternos que viviam perto de Aveiro, em Verdemilho.

Por volta dos dez anos foi internado no Colégio da Lapa, no Porto, onde o pai era juiz. Ramalho Ortigão era filho do diretor e chegou a ensinar Francês ao jovem Eça.

Em 1861 matriculou-se em Coimbra, no curso de Direito, que concluiu em 1866. Foi aí que conheceu Antero de Quental e Teófilo Braga mas não se envolveu na polémica conhecida por Questão Coimbrã (1865-66), que opôs os jovens estudantes a alguns dos mais conhecidos representantes da segunda geração romântica.

Segundo o seu próprio testemunho, nesta fase leu os autores franceses que, na época, entusiasmavam a juventude letrada em Portugal. Em Coimbra cruzavam-se, nessa altura, a tendência romântica e as novas idéias de raiz positivista e ambas contribuíram para a formação intelectual de Eça e dos seus companheiros.

Em 1867 fundou e redigiu integralmente, durante perto de meio ano, o jornal "O Distrito de Évora", com o qual fez oposição política ao governo. Meses depois instalou-se em Lisboa, passando a colaborar com maior regularidade na "Gazeta de Portugal", para a qual começara a escrever no ano anterior. Os textos desta época, publicados posteriormente com o título *Prosas Bárbaras*, refletem ainda uma acentuada influência romântica.

Os seus primeiros textos, publicados na *Gazeta de Portugal*, sob forma de folhetins, postumamente recolhidos com o título de

Prosas Bárbaras (1903), espantaram pela atrevida novidade, muito inspirada na literatura romântica europeia (Vitor Hugo, Baudelaire, Hofmann). Oscar Lopes, na **História da Literatura** (17ª ed. p. 859), referiu a escrita desses folhetins "como se fosse uma catarse de medos e superstições inconfessáveis", ou seja, qualquer coisa de profundo e inconfesso que viria a ecoar na poesia de Cesário Verde, Eugénio de Castro e Camilo Pessanha.

Em Évora espera-o, por esse tempo, uma experiência jornalística de grande fôlego, como diretor e redator de um jornal de oposição ao governo, o *Distrito de Évora* (1867), onde põe à prova os seus dotes de escritor. Uma viagem ao Oriente (Out. 1869 - Jan. 1870), Malta, Egito e Terra Santa, permite-lhe assistir à inauguração do canal do Suez e introduz nos seus horizontes culturais, ainda românticos, novas realidades que virão alterar a sua escrita. Esta viagem irá fornecer-lhe matéria abundante para *O Mistério da Estrada de Sintra*, romance folhetinesco de mistério, partilhado com Ramalho Ortigão. Será também o motivo fundamental de uma obra póstuma, *O Egito, Notas de Viagem* (1926) inspirando, ainda, de maneira essencial um dos seus romances mais conseguidos, *A Relíquia* (1887).

Ainda em 1869, de parceria com Antero de Quental e Batalha Reis, cria a figura de Carlos Fradique Mendes, que mais tarde transformaria numa espécie de alter-ego.

Em 1870 havia sido nomeado administrador do conselho de Leiria. Essa curta estadia forneceu-lhe o material para imaginar o ambiente provinciano e devoto em que decorre a ação de *O Crime do Padre Amaro*.

Entretanto ingressou na carreira diplomática, tendo sido nomeado cônsul em Havana (Cuba, na altura colônia espanhola), em 1872. Durante a sua estadia procurou melhorar a situação dos emigrantes chineses, oriundos de Macau, colocados numa quase escravidão. Concluiu a sua estadia no continente americano, fazendo uma longa viagem pelos Estados Unidos e Canadá. Foi nesta fase que redigiu o conto Singularidades de uma rapariga loura e a primeira versão de *O Crime do Padre Amaro*.

Em Dezembro de 1874 foi transferido para Newcastle, onde escreveu *O Primo Basílio*, e mais tarde para Bristol (1878). Dez anos depois (1888) foi colocado em Paris, onde permaneceu até à sua morte.

Na seqüência das *Conferências do Casino*, em 1877 Eça projetou uma série de novelas com que faria uma análise crítica da sociedade portuguesa do seu tempo, com a designação genérica de "*Cenas Portuguesas*". Mesmo sem obedecer com rigor a esse projecto, muitos dos romances escritos por Eça até ao fim da sua vida nasceram dele: *O Crime do Padre Amaro* (1876), *O Primo Basílio* (1878), *A Capital* (1878), *Os Maias* (1888), *O Conde de Abranhos e Alves e Cia*.

Entre 1889 e 1892 dirige a "Revista de Portugal". Ao longo dos anos colaborou ativamente com muitas outras publicações, tendo esses textos sido publicados postumamente.

Pouco depois da publicação de *Os Maias*, que não obteve o sucesso que o autor esperava, nota-se na produção romanesca de Eça de Queirós uma significativa inflexão. Essas últimas obras (*A Ilustre Casa de Ramires*, *A Cidade e as Serras* e *Contos*) manifestam um certo desencanto face ao mundo moderno e um vago desejo de retorno às origens, à simplicidade da vida rural.

Eça de Queirós morreu em Paris, a 16 de Agosto de 1900.